

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA



Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

PALAVRAS DUM CRENTE

Jesus Ressuscita!!!

Por Luís Augusto das Neves

CUMPRIRA-SE, mais uma vez, a infalibilidade do Mestre.

Como tinha dito, assim acontecera: ressuscitou. Ao debruçar-me, pleno de fé, nas palavras de Cristo, sinto, através do tempo milenário, que a voz e doutrina do Justo perduram na imperecível marcha da história.

Jesus Cristo ressuscitou verdadeiramente como tinha dito.

Senhor! nesta quadra do tempo, em que os homens se articulam nas irrefreáveis preocupações materiais, um grito longínquo chega até eles dizendo-lhes que se comemora a ressurreição do filho de Deus, daquele que ouviu bem, no Calvário, dos lábios da mãe, estas palavras que perduram e se transmitem: «Meu filho»... Nestas palavras, lancinantes de dor, vai toda a sensibilidade num turbilhão de cansaço.

É a voz augusta da Santa Mãe que se eleva e se choca com o perfil magoado do seu filho que a turba arrasta à hora duodécima para o derradeiro sacrifício.

Por isso, nesta quadra da Semana Santa, longe do barulho e da vaidade, caminho para o silêncio e, envolto de fé, concentro-me na meditação da vida de Cristo. Inspiraste o teu amor no amor sem igual, baixando do seio do teu eterno Pai, para nos resgatares da culpa em solene cumprimento da antiga promessa messiânica. Nascestes na humildade, Tu! Legítimo descendente de David! Caminhaste no mundo deixando por toda a

Continua na página 5

DIVINDADE

Espalhei, pelo mundo,
palavras só de Amor.

Tive discípulos atentos
que sabem meus passos de luz
e não-de escrevê-los
para uso dos vindouros,
com letras que terão
a vida e a luz das estrelas.

Pedi água a muitas mulheres
que mataram minha sede.

Uma mulher pecou
e todos fugiam dela.
Passei, disse
de quem foi o pecado
e todos perdoaram.

Curei males incuráveis,
usando como remédios
só palavras e gestos.

A quem não podia andar,
fiz andar e fiz bem mais:
indiquei os bons caminhos.

Fiz, de mortos, vivos.

Multipliquei o meu pão
e dele muitos comeram.

Fiz, da minha alma, um deserto,
só no deserto vivi.
Lá, Satanaz tentou-me.

Expulsei, de vários lugares,
quem neles estava para abusar
dos que deviam estar lá.

Troçaram de mim.
Bateram-me nas faces
e, podendo fugir ou vingar-me,
procurei mais castigos
para os males que não fiz.

Aquele a quem eu fiz bem,
com beijos falsos, pagou-me.

Aquele que viu minha alma
disse que nunca avistara
nem meu corpo.

Julgaram-me.
A multidão, escolhendo
entre mim, que era o Amor,
e outro, que fôra o Mal,
quis dar o perdão ao outro.

(A água é pura
mas suja-se ao contacto de mãos
que ficam brancas, mas não limpas.)

Aos ombros trago uma cruz.

Agora, tenho,
na minha frente, um monte.

Podeis dar-me uma coroa de espinhos!

Lá em cima, crucificai-me!

.....

Alberto de Serpa

O Velho Pescador

EAÍU a noite. Lentamente, os casebres semeados à beira-mar começaram a iluminar-se. As luzes, temerosas, piscaram no escuro...

De longe, recortando-se no horizonte, um vulto arrastava-se pesadamente, em direcção ao mar. A lua, espreitava-o por detrás dos grossos rolos de nuvens. As vestes andrajosas, oscilavam levemente, acariciadas pela brisa nocturna.

O luar banhava e coloria os rochedos, que de braços abertos e erguidos para o firmamento, escutavam o cântico monocórdico das águas, batendo contra eles.

As ondas verde-escuras, carregadas de espuma, desfaziam-se na areia fina...

A monotonia do diálogo, entre a terra e o mar, ia morrer longe, muito ao longe...

O Zé Pescador, com lágrimas nos olhos, encostou a cabeça à proa do seu velho barco. As mãos ossudas e nervosas, apertaram com frenesim o bordão em que vinha apoiado.

Depois, levantando-se e encarando as ondas com rancor, exclamou:

— Calai-vos, malditas! Berrais como lobas esfomeadas! Ouvistes?... Deixai ao menos escutar aquele que vós levasdes! Não. Porquê?... Porque o levasdes?... Eram os míseros cobres que ganhava, que vos faziam inveja? E ele era...

Um longo soluço, morreu-lhe na garganta. Duas grossas lágrimas, rolaram-lhe ao longo da face chupada, esquelética, ao terminar a frase:

—... Tão bom filho!...

Respondeu-lhe um marulhar desaprovador. Encostou novamente a cabeça ao barco e olhou o mar...

Franjas de espuma, enovelavam-se e desfaziam-se com o rolar das ondas.

De súbito, estremeceu. O cérebro, apesar de cansado, fazia-lhe sofrer a alma.

Pôs-se a recordar, numa voz reticente, lacrimosa:

— Enorme massa humana agitava-se na praia... Pés sangrentos e descalços, enfim, pés de trabalho, calcavam a areia húmida. O mar rugia sempre, furioso. Mãos, braços, levantavam-se aos céus, soltando preces. Vozes fortes de coman-

O pensamento do mês

«A mão esquerda do progresso denomina-se força, a mão direita denomina-se espírito».

Victor Hugo

GRUPO DE ESCUTAS N.º 13

Alcaides de Faria

No passado dia 26 de Fevereiro, num ambiente festivo, cheio de simplicidade e bom gosto, resolveu a direcção deste simpático grupo inaugurar as suas novas instalações.

A cerimónia, que foi presidida pela madrinha, Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Glória Vieira Duarte de Sousa Coutinho, houve troca de brindes, que serviu para pôr em equação a acção religiosa, cultural, física e moral que é atributo dos escuteiros.

«Boletim Social da TEBE», não podendo alongar mais as suas considerações por absoluta falta de espaço, envia o seu cartão de felicitações fazendo votos para que a acção directiva continue a sua marcha renovadora.

As malhas TEBE não recebem confrontos... Continuam na vanguarda do bom gosto.

do, entre o barulho das ondas. Correr aflito de gente... Olhares ansiosos. Uma onda mais alta: gritos. No oceano, um fervilhar de águas. Depois, as mandíbulas poderosas do mar fecharam-se. E... toques a rebate... choros... imprecações... promessas... mas tudo em vão! O meu filho, o único amparo, desapareceu. Depois, a fome negra e cruel. Comecei, então, uma vida de miséria e sofrimentos... esmolando. Os cães assomavam à porta das casas, quando me viam. Todos me escorraçavam.

Agitando o enorme cajado, acrescentou:

— Os escassos tostões que eu recebia, eram para vinho. Ao menos, esquecia...

Naquela mesma praia, naquele mesmo sítio, tinham-lhe morrido as esperanças e nascido as saudades.

A brisa, de vez em quando, agitava as câs do ancião.

A vista começou a faltar-lhe, uma sombra a perseguí-lo. O mar rugiu. Raioso, ergueu o varapau e ameaçou:

— Vingança!

O seu corpo frazino retesou-se. Repentinamente, principiou a bater, a malhar, furiosamente, nas águas azuladas, que lhe vinham lambar os pés.

— Arredem, malditas! — Gritava, enrouquecido.

De súbito, o cacete escapou-se-lhe das mãos. O olhar tornou-se distante... Os andrajos estremeceram. Os braços caíram-lhes ao longo do tronco. Inclinou-se mais... e mais.

E aquele corpo, varado de desespero tombou na areia húmida.

Matara-o: primeiro a saudade, depois a miséria.

A espuma, alva como a neve, veio cobri-lo, acariciá-lo a pouco e pouco. Os braços fogosos do oceano enlearam-no e as ondas cantaram outra vez vitória...

Ao longe, na pequena aldeia, o velho sino da igreja soava lentamente... Era Meia noite!

Sidónio Ferreira

Ex.^{mo} Snr. Francisco José Faria Torres

Passando no dia 29 de Março mais um aniversário natalício do Ex.^{mo} Senhor Francisco José Faria Torres, sócio gerente da TEBE, *Boletim Social* não que-



re deixar passar este acontecimento sem enviar o seu cartão de felicitações fazendo votos para que esta data se repita por muitos mais anos.

ANIMEDÉCÁDIA
SECÇÃO DIRIGIDA POR CARLOS QUINTA E COSTA
H M I V L N J H N I U J

Fazem anos no próximo mês de ABRIL os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Ana Ferreira Pedras e António Alvaro G. Terroso.

DIA 2 — João Dias de Figueiredo.

DIA 3 — Licínio Valdemar C. Ferra Esteves, Ana Lopes de Sousa, Palmira da Silva Barros e Maria José B. Nascimento.

DIA 4 — Perpétua Fernandes de Campos, Aparício Miranda Pereira e Maria Cândida S. Gonçalves.

DIA 5 — Maria Celeste P. Lopes Anjo e Rodrigo Martins Garrido.

DIA 6 — Rosa de Carvalho Fernandes.

DIA 7 — José Pires Bigote e Rosa Lopes Vilas Boas.

DIA 8 — Ermelinda Ferreira Cardoso.

DIA 9 — Rogério Alberto Pereira Esteves e Maria da Conceição C. Lopes.

DIA 10 — Maria Antónia dos Santos Pereira, Manuel Cândido Cunha Figueiredo, Júlia Augusta Paixão, Maria Fernandes Pestrelo e Arminda Ferreira de Carvalho.

DIA 11 — António Maria Veríssimo e Maria José Miranda.

DIA 12 — Maria da Conceição C. Costa e Domingos Augusto F. Dantas.

DIA 13 — José Teixeira Vilas Boas, Margarida Alda Casanova, Filomena da Glória C. Calheiros e António Oliveira da Silva.

DIA 14 — Alvaro Terroso, Maria do Céu M. Vieira, Maria Augusta da S. Dias, Laura de Oliveira Dias e Iria da Glória T. dos Santos.

DIA 15 — Maria do Carmo Gomes Areias.

DIA 16 — Maria do Carmo R. dos Santos.

DIA 18 — Eva Augusta Dias Pimenta.

DIA 19 — Carolina Fernandes Coelho.

DIA 20 — Carlos Gonçalves Pereira e Maria Luísa Teixeira de Miranda.

DIA 24 — Carolina Alice C. Gomes e Teotónio Marinho de Lima.

DIA 25 — Maria Lucília Vieira Dias e Rosa Marques Salgado.

DIA 26 — José da Silva Freitas, Mari Satalina S. A. da Costa e Aurora de Magalhães Leite.

DIA 27 — Catarina de Jesus Freitas, Ma-

Manuel Cibrão

Em franca convalescença, já se encontra em Barcelos este nosso companheiro de trabalho.

«Boletim Social da TEBE» faz votos pelo seu contínuo restabelecimento

E S P A R S A

Homens incertos e vários
De vontade e pensamento,
Que em desejos tumultuários
Viveis e, alfim, alcansais
Ora um mesquinho tormento,
Ora o nada que tentais!

E vós, tristes deserdados
Das graças da humana sorte,
Que vos sonhais (bem divino!)
Talvez eleitos da morte,
Filhos do céu bem amados
De Deus, que é vosso destino;
Vós todos, irmãos, que sois
— À luz de sonhos ansiosos —
Puros, simples, venturosos,
Poetas, santos, heróis,
Sabei a essência e o fim
Dos sonhos, — ilusão pura...
Mas, como seu mal ou ventura,
Meus irmãos, vivei assim.

E sorride a toda a sorte
Que é tormento de ansiedade,
Sempre vão, sempre mesquinho;
Pois bem, nossa só a morte,
E para a sua verdade
Qualquer caminho é caminho.

Guilherme de Faria

D. Justina Augusta Miranda de Vasconcelos

Confortada com todos os sacramentos, faleceu, no dia 21 de Fevereiro passado, na cidade do Porto, a bondosa Senhora D. Justina Vasconcelos.

Era casada com o Ex.^{mo} Snr. Pedro Teixeira da Costa Vasconcelos, nosso particular amigo; mãe das Snr.^{as} D. Maria da Paz Vasconcelos da Mota Freitas, Dr.^a D. Maria Augusta Vasconcelos Gonçalves de Azevedo e D. Elvira Vasconcelos Pina e do Snr. João António Miranda de Vasconcelos (ausente); sogra da Snr.^a D. Geny Pereira Vasconcelos e dos Snrs. Prof. Dr. António M. Gonçalves de Azevedo e António da Mota Freitas; cunhada do Ex.^{mo} Sr. Luís Fernandes Pinheiro, e tia das Sr.^{as} Doutora D. Maria da Soledade Vasconcelos Pinheiro, Dr.^a D. Maria da Glória Vasconcelos Pinheiro e Eng. José Vasconcelos Pinheiro.

«Boletim Social da TEBE», envia à família enlutada o seu cartão de muitas condolências.

ria do Carmo Martins Gomes e Manuel Fache da Costa.

DIA 28 — Manuel Martins Pires Lavado.

DIA 29 — Maria Helena Gonçalves da Silva e Eduardo Ribeiro de Sousa.

DIA 30 — Maria Manuela Duarte Vieira e Valdemar Rodrigo Lopes Machado.



Secção dirigida por JAIME FERREIRA

Comentários ...

Com este número, termina a primeira fase do primeiro concurso estabelecido pelo "Boletim Social da TEBE" e destinado aos seus assinantes, amigos e simpatizantes.

Verificou-se um relativo interesse por este concurso, o que nos leva a pensar um pouco, para decidirmos se a sua segunda fase será estabelecida nos mesmos moldes.

De qualquer forma, constatamos que esta secção interessou grande número de pessoas estranhas à Empresa e ao Clube proprietário deste "Boletim", o que é bastante consolador.

PROBLEMAS — Verifica-se que não é possível apresentar problemas com base na matemática, pois na sua grande maioria, os concorrentes não estão suficientemente preparados, para os resolver.

Como prevíamos, ninguém resolveu o problema (Prova de argúcia) assim como o quadrado mágico não foi devidamente apresentado, como o enunciado pedia.

Eis as soluções dos problemas da

VII SÉRIE

I — Prova de argúcia

Poderia chegar-se à solução desejada por tentativas ou empregando a álgebra.

Assim, encontramos duas soluções:

- 1.^a — 44 e 24 anos e
- 2.^a — 40 e 28 "

II — Aumentando letras

Há de facto mais do que 24 palavras, nas quais se podem encontrar as letras RUA.

Damos a seguir uma solução:

Rau — Rua — Ruã — Ura — abur — alur — amur — arau — aréu — arou — aruá — aruã — arus — aura — baru — brua — carú — crua — cura — dura — fura — grau — grua — gura — Juar — Jura — luar — lura — luar — mura — oura — prua — pura — ragu — raul — rual — ruam — ruas — ruça — ruda — rufa — ruga — ruía — runa — runa — rupa — suar — sura — ural — urão — uras — urca — urda — urna — urra — ursa

III — Maçada toponímica

- 1) — Chaves
- 2) — Castelo Branco
- 3) — Vila Moreira (T. Novas)
- 4) — Guarda
- 5) — Lisboa
- 6) — Beja
- 7) — Santarém
- 8) — Torres Novas
- 9) — Guimarães
- 10) — Linhares da Beira

IV — Paciência geográfica

- 1) — Santo Nome de Deus de Macau
- 2) — Condeixa-a-Nova
- 3) — Ferreira do Alentejo
- 4) — Vila Nova de Fozcoá
- 5) — Vila Real de Santo António

V — Quadrado mágico

7	12	1	14
2	13	8	11
16	3	10	5
9	6	15	4

VI — Provérbios a adivinhar

- 1) — Não é por muito madrugar que amanhece mais cedo.
- 2) — Nem só de pão vive o homem.
- 3) — Quem tem filhos tem cadilhos; quem os não tem cadilhos tem.
- 4) — Nem tudo o que luz é ouro.
- 5) — Com águas passadas não se movem moínhos.

VII — Hiéroglifos comprimidos

SALAMALEQUES — REVIRAVOLTA — CHOVE A POTES
PRAIA DA ROCHA — MILAGROSA

VIII — Adivinha curiosa

Despe-te e nada.

E pronto... Vamos apresentar os problemas que fecharão este nosso primeiro concurso e que constituem a

VIII — SÉRIE

I — Prova de argúcia (2 pontos)

O produto de dois números é 666.666 e a sua diferença é (81).
Quais são esses números?

II — Aumentando letras (1 ponto)

Formar 40 palavras onde apareçam as letras ATO. As letras propostas podem ser repetidas e as palavras terão no máximo 4 letras e no mínimo 3.

III — Paciência geográfica (1 ponto)

Diga que cidades são estas:

- 1) — BOLAS AVION
- 2) — E SO DAM CEM
- 3) — ES BIRA DANADA
- 4) — ADEUUS D. POLLANA
- 5) — ELE FUNDE. PEGA BILIS

IV — Maçada de dominó (1 ponto)

Unindo as pedras de um dominó completo, pela forma habitual de quando se está jogando (5 com 5), (3 com 3, etc.), mas começando pelo duplo-branco e terminando pelo duplo-seis, fica uma pedra de fora. Qual é?

V — Quadrado mágico (2 pontos)

Consiste este passatempo em preencher as casas do quadrado acima, de forma que as linhas horizontais, verticais ou diagonais somem 54.

Além disso, a soma dos 4 cantos deve ser 54. Nos 4 cantos verticalmente opostos (ou seja os dois do meio de cima e os dois do meio de baixo) e nos 4 horizontalmente opostos (o mesmo sistema dos verticais) e finalmente cada grupo de 4 algarismos em quadrado, dispostos ao longo das diagonais, deve ser também 54.

VI — Provérbios a adivinhar

R	E	P	N	S	F	N	D
2	1	3	1	1	3	1	2

G	E	D	A	F	T	M
2	4	1	3	2	1	2

N	T	D	C	Q	T	U	O	E	R
1	2	1	2	1	1	1	2	1	1

P	C	E	M	P
3	4	2	2	4

M	V	A	Q	D	A	D	Q	Q	M	M
1	2	1	1	1	3	1	1	1	2	3

VII — Hiéroglifos comprimidos

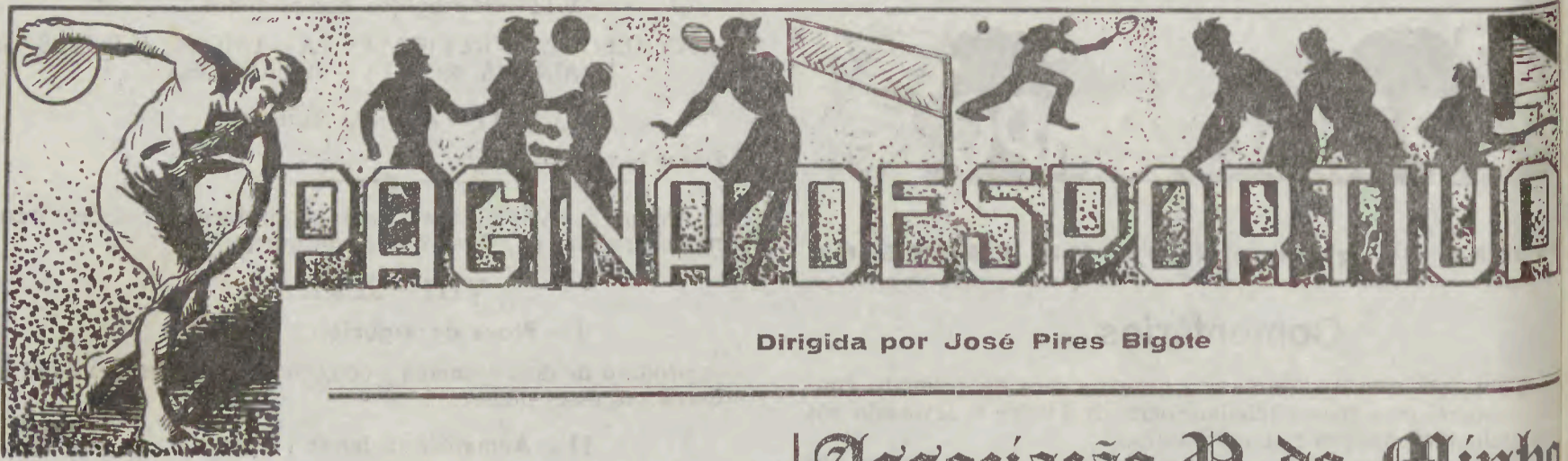
10 = 500	A	500
----------	---	-----

AA	2 × 3
----	-------

odes	500	$\frac{1}{P}$	$\frac{1}{2}$
------	-----	---------------	---------------

LIGUEI	Olhar	Ermo
--------	-------	------

+	exclamação
---	------------



Dirigida por José Pires Bigote

PASSATEMPO

(Continuação da página anterior)

VIII—Dedução lógica

Três fidalgos, cada qual acompanhado do seu criado, estão à beira dum rio, que desejam atravessar.

Há um pequeno barco, sem barqueiro, que só pode transportar 2 pessoas de cada vez.

Ora, nenhum dos fidalgos consente que o seu criado fique na companhia dos dois restantes fidalgos, com medo de que estes o façam revelar os segredos do seu amo, de que é confidente.

Como pode efectuar-se a passagem dos seis personagens, obtendo ao perigo apontado?

E eis-nos chegados ao fim. A classificação no final da 7.^a Série sofreu uma ligeira modificação, no entanto cremos que se manterá até ao final, dado que, conforme indicamos no último número, os concorrentes "bebem" em várias "fontes", quando não bebem mesmo pelos copos uns dos outros.

Aqui está, portanto, o

QUADRO DOS CAMPEÕES

1.º — Licínio Waldemar Esteves	34,9 pontos
2.º — Odagled	31,5 "
3.º — Taquim e Tacos	30,6 "

Imediatamente a seguir, verificam-se as seguintes posições dos restantes concorrentes:

Alfa	29,4 pontos
João Cândido da Silva	29,1 "
A. Lima F. Magalhães	29,1 "
Fremando	27,7 "
Mariolinda	27,1 "
Odraude	26,7 "
Marimila	25,7 "

Até ao próximo dia 10 de Abril ficamos aguardando as soluções dos concorrentes acima mencionados afim de darmos por concluída esta primeira fase do Concurso "PASSATEMPO" promovido pelo "Boletim Social da TEBE".

Os prémios anunciados vão ser expostos numa montra dum estabelecimento comercial desta cidade, afim de que todos possam certificar-se de que cumprimos com o que prometemos.

À obra, pois, argutos leitores...

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« **A MUNDIAL** »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

Associação P. do Minho

REALIZOU-SE no passado dia 24 mais uma assembleia geral da A. P. do Minho, convocada para a aprovação do relatório e contas respeitantes aos anos de 1952 e 1953, e apreciação do estado financeiro.

Surgiram vários incidentes entre o Senhor Marinho da Mota, representante da Direcção dos anos de 1952 e 1953 e o Senhor Seguro Pereira, representante da actual, pois que o parecer do Conselho Fiscal era assinado por um Director que não tinha tomado posse.

Sanados estes, foi o relatório aprovado, e passou-se à segunda parte da ordem dos trabalhos, sem dúvida a de maior importância, pois que da resolução dos problemas a apresentar, dependia em grande parte o futuro desta Associação.

O déficite, que atinge o montante de 40.000\$00, é na sua quase totalidade constituído pelo débito à Federação Portuguesa de Patinagem, o que logicamente e desportivamente não deveria constituir um perigo para a vida da A. P. do Minho. Porém a F. P. P. não o entende assim, e nega qualquer auxílio que possa contribuir para debelar a crise originando ainda com a resposta telefónica que foi dada a uma consulta sobre o assunto, o pedido de demissão do Secretário da Direcção eleita.

Não concordaram os Clubes com essa decisão e unânimemente manifestaram o incondicional apoio à Direcção, tendo sido resolvido enviar um telegrama para a D. G. D. que será acompanhado duma exposição, acerca do caso.

Ficou depois resolvido que os Clubes contribuíssem mensalmente com um auxílio para que a Associação pudesse sobreviver, aguardando a solu-

ção superiormente solicitada. Acerca do período de 9 meses, anterior à gerência finda, suscitou-se também acesa polémica, em que se intervieram novamente os Srs. Marinho da Mota e Seguro Pereira.

A questão fundamental neste ponto era quem devia elaborar o relatório desse período, tendo aparecido então em circunstâncias um pouco estranhas, uma cópia dum parecer do Conselho Fiscal sobre o assunto, de que o original nunca deu entrada na Associação.

O conteúdo desse documento, veio afinal resolver, quem teria de elaborar o relatório desse período seria a Direcção que apresentou o documento no período posterior.

Não podemos por forma alguma concordar com a doutrina exposta nessa carta, pois não se concebe, que uma Direcção faça um relatório sobre as actividades da outra. Bem sabemos que o relatório seria bienal, pois assim o determina o estatuto, mas será constituído por tantos relatórios parciais, quantas as Direcções eleitas nesse biénio, e nunca por um só, elaborado pela Direcção.

É um procedimento segundo nós bastante irregular mas que afinal foi sancionado por uma Assembleia Geral.

Seguiu-se a reunião de Delegados para resolver a maneira de disputar a Taça de Honra, tendo sido o Vitória de Guimarães o único Club interessado na organização. Nada há ainda portanto de concreto acerca do calendário de jogos, sendo porém quasi certa a inscrição da TEBE, Vitória de Guimarães, Académico, Taipas, Famalicenses, Vitória de Barcelinhos e Vianense.

Pires Bigote

Use SAMETIL... se sofre da pele.

É um medicamento honesto a um preço honestíssimo.

Palavras dum crente

(Continuação da página 1)

parte a legitimidade da tua missão Augusta... o milagre e a justiça, a verdade e o perdão... Por toda a parte, em todos os sentidos, a tua doutrina transformava as almas, dignificavas as criaturas porque tu eras a estrela fulgurante, eras o Verbo feito carne que habitou em nós.

Na penumbra dos espaços, recordando grandes milagres que operaste, sinto a minha pequenez humana e vejo, embora fugazmente, que a Tua doutrina, a Tua palavra e o Teu exemplo se repercutiram através de gerações e ficaram para sempre gravados nas páginas mais ricas da melhor e mais bela literatura de todos os tempos.

Viveste no trabalho, na obediência, na obscuridade até que chegou o tempo da palavra de Deus.

O que sofreste, o que passaste, está bem vivo hoje e sempre nas palavras imortais dos Testamentos. Tu! Fonte maravilhosa para a cura da alma e do corpo, nunca negaste o perdão, a ninguém recusaste a esmola dum conselho salutar, assim como a ninguém deixaste de socorrer nas suas necessidades temporais... Em boa verdade e em boa justiça, os homens terão sempre de te olhar com aquele respeito, aquele carinho e aquela admiração que lega o imponderável do mistério.

A Vossa sabedoria era infinita e os doutores da terra bem se esforçaram por a destruir; mas as vossas máximas eram o perdão e o Amor, a justiça e eloquência, a humildade e a clemência, nimbadas sempre duma sublimidade que se prendia nas almas e com elas perdurava. Era a voz de Deus que se erguia erguendo-nos. Era a voz do Alto que baixava até nós para nos elevar até Ele.

Porém, o mundo dos homens, acicatado pela vaidade e ansioso por emoções loucas... esquece depressa a palavra do Justo e, renunciando a ela, arrasta o Mestre ao cimo do Golgota... Junto de Jesus, os discípulos tremem.

Algumas vozes iradas cochicham:

— Matemo-lo!

Jesus com um gesto, aplaca o furor e o pavor colectivos.

E exclama:

— Bem sei o que vos estão segredando aos ouvidos. Respondei-me entretanto: é possível a alguém combater-se a si próprio? A multidão emudece perplexa ».

Piadas com barbas?... Talvez

— O que se tem passado com o senhor é consequência de se embriagar demasiadamente.

Tem de passar dois anos, pelo menos, a leite.

— Já pratiquei esse regime.

— E então?

— Não sei bem. Foi logo depois de ter nascido.

Em pleno exame

— Vá! Não se atrapalhe... Repare! Sua mãezinha tem quatro batatas para os seus três irmãos.

Como as reparte!

— Nesse caso, costuma fazer puré, Sr. professor.

*

Dois indivíduos apresentaram-se na polícia internacional para tirarem passaportes.

— Nome e filiação? — interrogou o comissário.

Grilo, filho de Camelo.

— Ratinho filho de Raposo.

— Toma nota — disse seriamente o comissário, fechando o livro e deixando a pena — mas não dou passaportes a animais.

Recordando...

(Continuação da página 6)

mangericos já com flores brancinhas, aconchegadas à sombra de trepadeiras enroscadas em pequenas colunas de ferro e cimento, a subirem para o telhado, bonitas roseiras a ostentarem vaidosas quatro e cinco botõezinhos de pétalas aveludadas, etc....

Na verdade, a hora era opoturna e o local convidativo a contemplamento...

Só no Minho, região de sonho e magia, terra de povo bom, respeitador e amável, que sabe como poucos encher de alegria e vivacidade as localidades em que habita; onde os jardins e quintais, montes e vales até no inverno floriem, conforme nos diz Camilo, deixa na nossa mente recordações jamais esquecidas.

Vim novamente para a rua. Depois de uma deslumbrante sessão de fogos de artifício, deixei essa boa terra, levando comigo, a inolvidável recordação de um domingo bem passado.

Sidónio Ferreira

Visado pela Comissão de Censura

Mas a turba não desarma. Um desejo de sangue e de dor parece confundi-los a todos...

Maldizer do Justo, afrontando-o de ódio e de chicote é o cúmulo da insensibilidade humana... Aquele que sempre fizera o bem, sempre prègara a verdade, evangelizara a virtude era agora traído por um discípulo seu — JUDAS... Sim! Judas vendera o Mestre por trinta dinheiros.

Jesus é arrastado à presença dos juizes que, não encontrando culpa, mas receando a fúria da multidão lavam simplesmente as mãos que, manchadas de injustiça, não mais se curarão.

« Quando o cortejo se articula, movimentando-se, a multidão prorrompe em aplausos. Gritos explodem, cruzam-se num furor de bramidos, guinchos, uivos estrídulos, assobios agudos. É a vaia. A vaia frenética, vibrante de gargalhadas e gestos. Como animal monstruoso, a massa popular resfolega, estorce-se nas convulsões de um prazer expansivo, irrefreável.

*

Jesus caminha a custo. O espancamento exauriu-lhes as forças. Seu corpo está marcado por profundos sulcos roxos. Doem-lhe as articulações. A coroa de espinhos, que não lhes tiraram da cabeça, fere-o continuamente e o sangue lhe escorre vivo pelo rosto ».

Por todos os lados uma vozearia louca, embriagada de ódio marca a sua presença ao longo da marcha sufocante em que o peso do madeiro ultrapassa as forças do humano.

Jesus cai aqui, ergue-se de novo, e a multidão sempre ansiosa espera o último momento...

Consumatum est! Jesus repousa no catre vertical aguardando o último momento: a agonia.

E Cristo, tombando para a morte, espera no além túmulo, que a profecia se cumpra.

E, assim, se cumprirá este rosário de palavras:

« Eu sou a ressurreição e a vida ».

Quando os amigos se aproximaram da caverna onde Jesus fora sepultado ouviram estas palavras:

« Aquele a quem procurais não está aqui; ressuscitou dos mortos. Ide e anunciai esta boa-nova a seus discípulos »...

O Sol ilumina a terra e os anos vão passando, porém a palavra de Deus continua.

Senhor! Permiti que o mais indigno dos vossos filhos se prostre a vossos pés para os beijar amorosamente.

Vós sois a fé e a vida! Sois o verdadeiro filho de Deus.

Eu vos saúdo, Rei imortal dos Séculos.

Concurso de Quadras Populares

Ao regulamento publicado no número anterior, devemos acrescentar o seguinte:

As quadras devem ser remetidas à Redacção do « Boletim Social da TEBE », até ao dia 10 do mês seguinte ao da publicação respectiva, ou entregues na Papelaria LIZ, ou na Filial Tabacaria LIZ, acompanhadas do cupão abaixo.

Foi estabelecido mais um prémio, ou seja uma caneta « LIZ-PEN », que será atribuída ao concorrente primeiro classificado em cada uma das séries.

*

Foram recebidos os trabalhos relativos à primeira fase do Concurso **BIG-BEN 1**, cujo mote era: « BIG-BEN uma caneta ».

Um júri procedeu à escolha da quadra mais bem constituída tendo sido escolhida a seguinte produção:

« Big-Ben » uma caneta

É uma jóia sem igual

É de todas as canetas

A melhor de Portugal

e vinha assinada com o pseudónimo — MARIPOSA, correspondente à concorrente Luísa Eugénia, que vai receber como prémio de classificação uma caneta « LIZ-PEN », com o respectivo nome gravado, oferta da

Papelaria «LIZ», de BARCELOS

ficando ainda classificada para o final deste concurso.

Mote para a quadra: « Big-Ben escreve bem »

BIG-BEN

N.º 2



Génese de Fernando Pessoa

(CONFERÊNCIA)

(Continuação do número anterior)

ENTENDEMOS, como não podia deixar de ser, que, para falar de Fernando Pessoa, não bastava só estudar a sua vida; mas era necessário também e principalmente estudar a sua obra, época em que foi concebida, a idade do poeta, os seus anseios, e todo o complexo de emoções aparentemente desconexas, mas cheias de uma problemática social que se radica numa identidade nova numa nova poética.

Focaremos em primeiro plano o «Equívoco do saudosismo». Abriremos com as próprias palavras do poeta:

«Prepara-se em Portugal uma renascença extraordinária, um ressurgimento assombroso». Não nos restam dúvidas acerca do «simbolismo» e do «decadentismo» de Fernando Pessoa, que acaba de naturalizar-se português... Quer dizer, o Fernando Pessoa a pensar em inglês, a escrever como inglês, vai aclimatar-se e personificar-se num sentido puramente lusitano.

A implantação da república consolidou-se e um desejo de renovação literária agitava a vida intelectual da Nação. Mas enquanto alguns poetas do tempo de Fernando Pessoa viviam embalados pela retórica, este marcava a sua individualidade porque criava já algo de novo, embora enleado, por vezes, dum simbolismo saudosista, conforme se pode constatar através da correspondência expedida ao seu amigo Mário de Sá-Carneiro então em Paris. Juntamente com essa correspondência iam vários poemas que traduziam já «a chave do grande e rápido êxito de PESSOA».

Nota-se na textura de Pessoa uma tendência patriótica, embora apolítica, que avoluma à medida que atinge a «objectivação das suas emoções poéticas». Há um sentido crítico em toda a génese do *vate* e não admira que assim seja porque a sua mistificação intencional atinge um carácter imperativo de criar beleza, numa aliança sonhada duma perene e admirável solidariedade humana.

Fernando Pessoa é grande até mesmo quando pretende reduzir a essência poética da sua legitimidade artística às limitações do quotidiano.

Lançando um repto literário através das páginas da revista «A Águia» deixa o país inteiro irritado com as suas concepções críticas, por vezes demasiado profundas e, de certo modo, paradoxais.

Mais uma vez o poeta Mário de Sá-Carneiro escreve a Pessoa incitando-o a publicar as suas maravilhosas poesias para que se revelasse também como poeta e não somente como crítico. Porém um sentido geométrico riscava concorrentes de frustrações tão próximas duma metafísica magnificamente sonhada, que se ergue a uma plenitude de incompatibilidades críticas que se chocam no seu todo aparentemente anarquizado.

Duma carta de Mário de Sá-Carneiro publicada na «Vida e Obra de Fernando Pessoa» ouçamos os seguintes períodos: «É preciso que se conheça o poeta Fernando Pessoa, o artista Fernando Pessoa» dizia ele «—e não o crítico só— por lúcido e brilhante que ele seja. Atenda bem nas minhas palavras. Eu reputo mesmo um perigo para o seu triunfo a sua demora em aparecer como poeta. E você pode encontrar-se o crítico-poeta e não o poeta-crítico, os «outros» terão estúpida mas instintivamente repugnância em o aceitar como poeta».

Porém Fernando Pessoa conti-



Um trecho da ponte sobre o Cávado.

Recordando...

UMA dessas manhãs saudáveis da Primavera, o sol principiava a aparecer ao longe e os pássaros cantavam entre a ramagem florida das árvores, quando principiei o meu passeio predilecto.

Era domingo. Dia em que as obrigações me não obrigavam a cumprir a rigidez dum horário.

Percorri as estradas, desdobramentos de maravilhas através dum conjunto de cores, porque a Primavera é o mágico pintor da paisagem Minhota.

Parei numa cidade, cidade essa sempre moça, que vaidosamente se debruça sobre o Cávado. Mas nessa ocasião, com as ruas todas ornamentadas, destacando-se o bom gosto, pela altura da Festa das Cruzes, era mais bonita e interessante, enfim, prendia...

Admirei as suas belezas: formosíssimos jardins, preciosos monumentos, lindas igrejas, conventos, pontes, casas, ruínas de Castelos, Solares, etc... Seguidamente, debaixo daquele inigualável cenário, confundi-me no movimentado arraial em que o folclore e a etnografia se patenteavam aos olhos maravilhados dos visitantes, numa sinfonia de cor da mais viva alacridade...

*

O tempo passou... Chegou a tardinha. Após esplêndido jantar, num típico restaurante, onde não faltava o doce e o bom vinho verde, debrucei-me no vão duma janela desse prédio, virada para o quintal, chegando até mim nitidamente a música transmitida pelos altofalantes.

A tarde, franjava de escuro os montes, que se erguiam além. Os cumes, ainda se aureolavam duma luminosidade repousante. O dia esteve muito quente e abafado, mas pela tarde fora, foi refrescando a pouco e pouco. As cores vivas do céu, tinham-se esbatido lentamente e o astro-rei, fora aquecer outras terras...

Aquela hora crepuscular, olhando o azul do firmamento de uma cor bem penetrante, erguia-se até aos meus olhos, debaixo desse maravilhoso cenário, um lindo jardim, constituído por diversas flores:

Cravos vermelhos, brancos e amarelos, papoilas, malmequeres, amores-perfeitos de corolas multicores; mais além vasos de

(Continua na página 5)

nua a ditar a sua doutrina estética não seguindo, em princípio, os conselhos do seu muito amigo, também grande poeta, Mário de Sá-Carneiro.

Fernando Pessoa que, por vezes, repelira a «fé e a intuição» como fontes do conhecimento encontra-se depois a buscar à «fé e à intuição» os argumentos que o levam a não descrever do raciocínio a que havia chegado.

O poeta da Mensagem julgando-se, tantas vezes, intangível nos seus conceitos poético-filosóficos vê-se, depois, a caminhar já seguro duma nova plenitude poética, arredando-se do saudosismo para se abeirar do transcendentalismo panteísta.

«A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico» é o título do ensaio que o autor de ODE MARÍTIMA formula magnificamente dando-lhe um sentido comunicativo, pois tira da estagnação a alma poética portuguesa. O estudo foi publicado nos números 9, 11 e 12 da revista «A Águia».

A originalidade do poeta da Mensagem reside — segundo nos parece — na unificação da «Realidade-alma». E sem querer, quase sem dar por isso, Fernando Pessoa, emaranha-se num simbolismo muito seu pois via em tudo que a sua imaginação ditava «um além».

É o seu simbolismo nacionalista que o aproxima, cada vez mais, do «pós simbolismo». Caminha agora para a dissidência sob a afinidade do «Orpheu».

São do poeta estas palavras:

«Temos que afirmar esta revista, porque ela é a ponte por onde a nossa Alma passa para o futuro».

(Continua no próximo número)